

“A MULHER É MAIS DELICADA”: UM ESTUDO SOBRE A ASSOCIAÇÃO DA FIGURA FEMININA À ÁREA DA CONFEITARIA PROFISSIONAL

Letícia **Madeira de Castro Santos**¹

Daniela **Alves Minuzzo**²

1. INTRODUÇÃO

O debate a respeito da equidade de gênero e divisão sexual do trabalho vem ganhando força nos últimos anos, gerando questionamentos e discussões acerca do tema. Ser identificado enquanto pertencendo aos gêneros feminino ou masculino significa carregar uma gama de pressuposições e responsabilidades que desconsideram a vontade particular do indivíduo, além de gerar um ambiente permeado pela desigualdade, como apontado por Carloto (2001: 202). Se por um lado a mulher vem conquistando cada vez mais espaço no mercado de trabalho, por outro, ainda são evidentes as barreiras encontradas tais como a diferença salarial, de cargos e de área de atuação entre os gêneros, reforçando a ideia de que existem “trabalhos de homens” e “trabalhos de mulheres”, como explica Hirata e Kergoat (2007: 599), levando a uma divisão sexual do trabalho. Dessa forma, torna-se cada vez mais relevante compreender as estruturas que levam a essa diferenciação.

No cenário da cozinha profissional, essa realidade permanece, criando uma divisão sexual de praças e evidenciando que, apesar da presença feminina nas cozinhas profissionais, esse espaço de trabalho ainda é pautado em uma cultura machista que segrega e discrimina as mulheres. O trabalho culinário ainda se dá por uma hierarquia provinda da esfera doméstica, e a mulher, no geral, ocupa cargos de menor prestígio e valor (Briguglio, 2017, apud Collaço, 2008).

O estereótipo de feminilidade relaciona-se ao trabalho leve, que exige paciência e minúcia (Resende; Melo, 2016, apud Hirata; Kergoat, 2008), e, por isso, é interessante observar a ligação entre a figura feminina e a confeitaria, que, segundo Briguglio

¹ Curso de Bacharelado em Gastronomia, Instituto de Nutrição Josué de Castro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Email: leticiamcsantos@hotmail.com.

ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-5638-3587>

² Curso de Bacharelado em Gastronomia, Instituto de Nutrição Josué de Castro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil. Email: daniela.minuzzo@gmail.com.

ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-2771-5914>

(2017), “demandam um tipo de trabalho associado às características ‘naturais’ das mulheres, como a delicadeza, a paciência, o cuidado e a atenção aos detalhes”.

O trabalho desenvolvido e apresentado a seguir tem como objetivo investigar as relações de gênero na cozinha profissional, em especial na confeitaria profissional, a partir da associação com padrões sociais do feminino, abordando temáticas como a construção de gênero, o machismo e o ambiente da cozinha profissional. O interesse nessa temática justifica-se, principalmente, nas atuais condições de trabalho dentro da cozinha profissional e nas dificuldades enfrentadas por mulheres nesse ambiente que, assim como na sociedade em geral, é pautado em uma cultura machista que segrega homens e mulheres, reforçando a ideia de que existem funções específicas para cada gênero.

1.1. DEBATES SOBRE GÊNERO

Ao termo “gênero” não se confere uma única definição concreta capaz de responder a todos os questionamentos gerados a partir das discussões que existem acerca desse tema. As transformações conferidas ao longo do tempo traduzem a sua complexidade e a necessidade dos constantes debates sobre o que é ser homem e o que é ser mulher.

A biologia, em muitos aspectos, é utilizada como argumento central para explicar as diferenças de gêneros, como se, biologicamente, os seres humanos pudessem justificar a divisão nas categorias “homem” e “mulher” com base em comportamentos e características que se desenvolveriam naturalmente. Moore (2000: 21) explica que “frequentemente se supunha que a identidade de gênero era um resultado direto de categorias biológicas, e que o que era adquirido pela socialização não passava em realidade de um brilho cultural”.

Para algumas autoras que trabalham o conceito de “sistema sexo/ gênero”, o fundo biológico não pode ser deixado de lado (Pereira, 2004: 178). Nesse contexto, o sexo é pensado como antecedente ao gênero, diferentemente do que pensava Laqueur, que defendia a ideia de que a categoria gênero era a que se antecedia, uma vez que, até o século XVIII, havia apenas o registro de um único sexo – o masculino (Pedro, 2005: 90, apud Laqueur: 23).

No entanto, como propõe Jesus (2012: 8), apenas o sexo seria biológico, determinado pelo tamanho das células reprodutivas (espermatozoides e óvulos), e o comportamento determinado como masculino ou feminino teria origem no âmbito cultural. Por outro lado, é importante destacar os questionamentos de Judith Butler (2018) perante a ideia do conceito “sexo”. A autora considera que o sexo não está ligado à natureza, mas sim que talvez seja tão culturalmente construído quanto o gênero. Citando a célebre frase de Simone de Beauvoir, “ninguém nasce mulher, se torna mulher”, ela explica que não há nenhuma evidência de que “se tornar” mulher esteja ligado a um ser que seja necessariamente fêmea, e que essa classificação provém de uma compulsão cultural.

Ser mulher ou ser homem, como explicita Colling (2004a: 29), seria, na verdade, uma construção simbólica, constatação que se aproxima do discurso culturalista que afirma que “as diferenças sexuais provêm da socialização e da cultura” (Araújo, 2005: 45). O gênero deveria ser compreendido, então, como fundamentam algumas autoras, como uma construção histórica/cultural que não se vincula ao biológico (Pereira, 2004: 178).

Nesse contexto, surge o movimento feminista em busca da equidade entre homens e mulheres, uma vez que reconhecia as diferentes experiências vividas por cada gênero e, por isso, buscava um tratamento baseado na equivalência e não na igualdade (Narvaz; Koller, 2006: 648). Costuma-se categorizar o movimento feminista, especialmente o norte-americano, em fases, chamadas de ondas, a partir de suas principais reivindicações em momentos históricos, como abordado nos parágrafos a seguir.

A chamada primeira onda do feminismo, que ocorreu no final do século XIX e se estendeu até as primeiras décadas do século XX, marcou o início do movimento e teve suas reivindicações centradas principalmente nos direitos políticos, sociais e econômicos. Nessa fase, destaca-se o movimento sufragista, que se estruturou na Inglaterra, França, Estados Unidos e Espanha e defendia o direito de voto das mulheres (Zinani, 20--: 411-412; Pedro, 2005: 79; Narvaz; Koller, 2006: 648-649).

Já a chamada segunda onda, ocorrida entre as décadas de 1960 e 1970, especialmente nos Estados Unidos e na França (Narvaz; Koller, 2006: 649), priorizou as lutas pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado, e foi nesse momento que a categoria “gênero” foi estabelecida (Pedro, 2005: 79). Seu início é marcado pela

publicação do livro “O Segundo Sexo”, por Simone de Beauvoir, que “foi um marco no pensamento feminista, discutindo a questão da mulher através de vários ângulos: da biologia, da psicanálise, do materialismo histórico” (Zinani, 20--: 412).

Simone de Beauvoir (1967: 9) inicia sua obra com a frase “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, expressão que casou grande impacto no mundo inteiro e ganhou espaço no discurso de mulheres das mais diferentes posições, abrindo caminho para um debate ainda em andamento. Ser mulher, portanto, não dependeria de um único ato, mas de uma construção relacionada a gestos, vestuário, comportamentos, dentre outros ensinamentos cotidianos constituídos a partir das normas e valores de cada cultura (Louro, 2008: 17). Segundo Beauvoir (1967: 8-9), “basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categoriais de indivíduos”.

A frase acabou por refletir, também, na perspectiva da masculinidade, compreendendo-se então que “ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” e requerem reforços contínuos ao longo de toda a vida. É um processo que se dá por meio de aprendizagens e práticas provindas de diversos espaços (escola, igreja, família) de forma minuciosa e sutil. São aprendidas as vestimentas adequadas, o jeito de andar, como e quando comer, entre outros comportamentos (Louro, 2008: 18), e são esses discursos constantemente repetidos os responsáveis pela criação de estereótipos e imagens a serem seguidas.

Para a mulher e o homem, segundo Colling (2004a: 24), não existe uma verdadeira essência, pois ambos são produzidos por conceitos criados unicamente como aparência, superfície e produção. A teoria da performance sugere que os indivíduos constroem suas ações por meio de suposições e expectativas, sendo essas suposições parte de uma essência que vai se desdobrando conforme são reproduzidos os modelos denominados corretos para cada gênero. Exemplos disso são as ideias de “instinto materno” e do “homem naturalmente viril e forte” (Bento, 2006: 103).

É possível observar, então, as mudanças do conceito de gênero e seus diferentes usos no decorrer do tempo, transformando-se em um debate de grande peso e com diversas vertentes, sendo pauta de discussões até os dias atuais, uma vez que não há uma definição única que englobe toda a sua complexidade.

1.2. A CONSTRUÇÃO DA FIGURA FEMININA

Ao longo da história, é possível acompanhar as diversas transformações e conceitos adotados em relação à figura feminina. A história das mulheres muitas vezes é apresentada como margem da história dos homens – aquela considerada como universal – tornando-as invisíveis e criando uma dualidade feminino/masculino, assumindo valores diferentes e desiguais para cada gênero (Colling, 2004a: 13 e 17). Segundo Pedro (2005: 87), “a história (...) é uma narrativa sobre o sexo masculino”.

Concebido como figura central e superior, o homem é visto como neutro, e é a partir dele que são feitas as separações e explicações do outro em uma perspectiva de alteridade. À mulher, então, é concedida uma posição de diferença, enfatizada pelos discursos masculinos sobre a “natureza feminina”, exaltando uma esfera de exclusão que manifesta o exercício de poder do homem. É a partir dele que se cria a noção de mulher, definida como diferente, inacabada e inferior (Colling, 2004a: 27).

Os meios utilizados para a legitimação de tal discurso foi o uso simultâneo de dois poderes: o repressivo e o normativo. O primeiro sendo aquele que separa e exclui quem se pretende dominar, e o último sendo responsável por conceder à mulher uma identidade, além de sua posição e papel social (Colling, 2004a: 26).

Um dos aspectos mais cruéis do preconceito é justamente essa naturalização e identificação com as ideias que o produzem e perpetuam por parte das próprias pessoas que o sofrem. Félix Guattari mostra que “o que faz a força da subjetividade capitalística é que ela se produz tanto no nível dos opressores, quanto dos oprimidos”. (Azerêdo, 2017, s.: , apud Guatarri; Rolnik, 1993: 44)

A utilização do termo “Homem” para uma figura aparentemente assexuada, segundo Colling (2015: 182, apud Derrida, 1988), é uma forma de exaltar o falocentrismo, disfarçando-o de universalismo. Essa reflexão se aproxima da ideia do “modelo de perfeição” e da submissão da mulher, porque, considerada mais frágil e desprovida de calor vital, ela usufruiria de menos privilégios do que os homens (Silva, 2000).

O modelo de perfeição estava representado na anatomia masculina, onde a regra fállica, distinguia perfeitamente o domínio de superioridade e inferioridade masculina e feminina respectivamente. (Silva, 2000: 9)

A diferenciação entre homens e mulheres pode ser observada pelo menos desde a filosofia da Grécia Antiga com concepções de Hipócrates (460/377 a.C.) e Aristóteles

(384/322 a.C.), que dizia que “a mulher é vista como um desvio, uma ‘defeituosidade natural’.” (Colling, 2004b: 59 e 61).

É interessante observar o trecho a seguir da obra norueguesa “O Mundo de Sofia” (romance da história da filosofia escrito no século XX) que destaca a importância da presença feminina na filosofia e na ciência, enfatizando o pensamento de Aristóteles quanto à figura feminina como “equivocado”.

Que um homem esclarecido como Aristóteles tenha se equivocado desse modo em relação às mulheres é surpreendente e, mais que isso, lamentável. Mas serve para demonstrar duas coisas: Aristóteles não deve ter tido tanto contato nem experiência prática com mulheres e crianças. Por outro lado, mostra como as coisas podem sair erradas se a filosofia e a ciência derem ouvidos apenas à voz masculina. (Gaarder, 2018: 133)

Na Idade Média, o pensamento aristotélico prevalece, sendo difundido pela Igreja cristã (Colling, 2015: 188). A Igreja contribuía na legitimidade da inferioridade da mulher, tanto por argumentos bíblicos quanto por considerarem a mulher a fonte do Pecado Original e um instrumento do Diabo, uma vez que eram filhas e herdeiras de Eva, considerada fruto de uma falha na formação da primeira mulher, como descrito no trecho abaixo (Santos, 2010: 1):

Houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva, ou seja, uma costela do peito cuja curvatura é, por assim dizer, contrária a retidão do homem. E, como em virtude dessa falha, a mulher é o animal imperfeito, sempre decepçiona a mente. (Araújo, 1997: 46)

Entre os séculos XVIII e XIX, a mulher foi alvo de diversos estudos e discursos pautados principalmente na preocupação em entender as especificidades femininas (Martins, 2004: 36-37). O útero passou a ser objeto de estudo nos discursos médicos, derrubando a ideia de que a natureza havia criado um ser imperfeito, mas sim alguém com um papel de extrema importância a ser exercido: o de ser mãe (Martins, 2004: 37-40).

A maternidade, o casamento e a educação dos filhos eram tidos como partes centrais no quesito “ser mulher”. Sendo assim, aquela que não seguisse esses princípios era tida como alguém que perdeu o controle e se entregou ao mundanismo e a viver fora das regras. Para Jules Michelet, filósofo e historiador francês, a redenção da figura feminina ao amor e ao casamento era a razão para a união de figuras tão distintas como

o homem e a mulher, e, por isso, eram considerados a base da sociedade (Martins, 2004: 41 e : 43-44).

Os estudos em torno do órgão reprodutor feminino passaram a figurar como doença mental feminina a histeria a partir do final do século XVIII. A menstruação passou a ser vista como fonte de diversos efeitos debilitadores, caracterizando a mulher, segundo Jules Michelet, como inválidas e feridas durante todo o período menstrual. O único caminho para a sanidade feminina era a maternidade (Colling, 2015: 194).

A causa do ataque histérico é sempre a mesma: um vapor venenoso produzido pela matriz e que, ao passar pelas artérias e pelos poros do corpo, lesa todo o organismo, até ao cérebro. (Colling, 2015: 193)

Ainda no século XVIII, começaram a serem colocadas em pauta as ideias de evolução debatidas por Darwin (1809 – 1882), que mudou de forma extrema a maneira de enxergar a natureza e a história da humanidade. Utilizando o conceito de seleção natural, explicava a ideia de sobrevivência do indivíduo mais forte, que, segundo ele, era o homem por seus esforços para conquistar a caça e as fêmeas. Junto a esse conceito, também veio a craniologia, que passou a comparar as mulheres com raças inferiores e crianças. Essas duas correntes, marcadas pelo caráter misógino, colocavam a mulher em um patamar muito mais baixo do que antes, transformando toda e qualquer coisa relacionada à feminilidade em algo perigoso (Martins, 2004: 48-50).

Na sua definição de mulher, Schopenhauer lança mão de um dos mais poderosos clichês culturais da época que era a incapacidade intelectual do sexo feminino. Diz que seu aspecto físico é revelador de que seu destino não está associado aos trabalhos da inteligência, mas à reprodução da espécie e ao cuidado das crianças. Sua natureza não permitia esforços ou prazeres excessivos, sendo seu destino obedecer ao homem, apoiá-lo, cuidar das crianças e levar sua vida "silenciosamente, de forma insignificante e docemente" (Martins, 2004: 52, apud Schopenhauer, 1900: 129)

Para Colling (2015: 180), o corpo feminino tem muito pouco da mulher, configurando simplesmente um resultado de discursos e prática e, por isso, sendo apenas um efeito histórico. Além disso, afirma que as sociedades são as verdadeiras responsáveis por significar essas diferenças, requerendo um esforço sem fim para agregar-lhes sentido, além de interpretá-las e cultivá-las, uma vez que essas diferenças não existiriam (Colling, 2004a: 17).

No período da pós-modernidade – que, segundo Gatti (2005: 601, apud Azevedo, 1993: 32), “traz uma nova forma de racionalidade, ‘pluralista e fruitiva’ longe de pretensões universalistas” – começa a surgir o pensamento feminista que se baseava na aceitação das diferenças, lutando pelo direito à igualdade com o direito à diferença (Colling, 2004a: 34).

O pensamento da diferença não busca a homogeneização no mesmo, mas quer manter e ver reconhecidas suas diferenças e ao mesmo tempo reconhecidos seus direitos universais e básicos. Defender a igualdade como direito universal não deve implicar que todos os indivíduos sejam iguais, porque o mundo perderia muito se visse a diferença apagar-se em proveito da igualdade homogeneizante (Colling, 2004a: 36).

As diferenças não seriam, então, a razão dos problemas, mas o modo como foram encaradas transformou a sociedade em uma hierarquia que concede à diferença sua significação discriminatória (Colling, 2004a: 36).

Dois conceitos são importantes para entender a estrutura dessa sociedade e o sistema de poder hierárquico que colocava o homem como figura dominante: o poder simbólico e a violência simbólica. Segundo Bourdieu (1989):

(...) o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (Bourdieu, 1989: 8-9)

(...) poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (Bourdieu, 1989: 14)

O poder simbólico é um poder invisível que só pode ser exercido com a adesão dos dominantes aos dominados; e no contexto das questões de gênero, isso não significa que as mulheres têm responsabilidade por sua própria opressão, como se o cenário se tratasse de uma escolha feita por elas (Bourdieu, 2002: 51). É interessante ressaltar que Bourdieu (2002: 49) classifica a submissão feminina como, ao mesmo tempo, espontânea e extorquida, sem qualquer contradição.

Segundo Bourdieu (2002: 45), “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais”, e as ideologias são passadas de forma a não transparecer um instrumento de dominação, não sendo necessário o uso da força física como forma de coagir os dominados (Bourdieu, 2002: 49). A violência simbólica é exercida por meio

do poder simbólico, e a ideologia dominante é naturalizada por meio do *habitus*, princípio que transforma as características individuais em um conjunto único (Bourdieu, 1996: 22). Nas palavras de Bourdieu:

(...) violência suave, insensível, invisível, as suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, do reconhecimento ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou em última instância, do sentimento. (Bourdieu, 2002: 7-8)

O *habitus* são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes ao do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem a diferença entre o que é o bom ou é mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar, etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro. (Bourdieu, 1996: 22)

A violência simbólica se apoia no fato de que “a força da ordem masculina (...) dispensa justificção”, uma vez que a visão androcêntrica do mundo transforma o homem em um ser neutro que não precisa embasar seu discurso para que seja reconhecido (Bourdieu, 2002: 18).

1.3. RELAÇÃO ENTRE RAÇA E GÊNERO

Além do gênero, outras categorias sociais também se configuram como marcantes formas de opressão, como classe social e raça. Muitas das reivindicações do movimento feminista ao longo da história não se aplicavam a todas as mulheres, tendo em vista as contradições vividas pelas mulheres negras (Oliveira, 2010).

É importante destacar que, enquanto a mulher branca era vista como um corpo para reproduzir e formar família, as mulheres negras são descritas como “objetos servis”, desvinculadas da imagem de mãe e cuidadora, conforme ilustrado pela citação abaixo.

Os negros revelam-se indiferentes em suas relações sociais: não se importavam com os laços filiais e suas mulheres eram objetos servis; não formavam famílias, eram por natureza desagregados (...). (Nogueira, 1999: 43, apud County, 1878)

As questões reprodutivas, no caso das mulheres negras, não têm associação histórica com a formação de uma família, mas sim com a satisfação sexual de seus senhores. Seus filhos quase sempre eram vendidos e a única vinculação com a maternidade vinha quando serviam de amas de leite para o filho do senhor (Nogueira, 1999: 44). Como enfatiza Nogueira (1999: 44), “a mulher negra é historicamente desinvestida de qualquer possibilidade que a permitisse exercer sua feminilidade”.

A partir dessa concepção das diferenças dentro da realidade das mulheres brancas e negras, na década de 1970 surgiu o feminismo negro, em contraposição ao chamado feminismo branco, criticado por não incluir todas as mulheres e/ou não apresentar representatividade o suficiente para que todas elas pudessem se enxergar ali. Passou a marcar a reflexão feminista a partir dos anos 1980 por sua atividade tanto no campo teórico quanto no ativismo, e permitiu, então, que a raça começasse a ser incluída nos pensamentos feministas, criando um espaço maior de integração (Oliveira, 2010, apud Nogueira, 2001; Hooks, 1984/2004).

O racismo existente dentro do feminismo branco pode ser visto, principalmente, quando se exclui as mulheres negras (e também as brancas pobres) na disseminação do discurso de que, nos anos 1950, as mulheres não trabalhavam (Oliveira, 2010). Tendo como principal preocupação a sua própria sobrevivência no período pós-escravagista, as mulheres negras acabavam aceitando os trabalhos mal pagos que o sistema capitalista as oferecia (Oliveira, 2010, apud Collins, 2003), pertencendo então a uma classe marginalizada que sofria uma discriminação específica e profunda que envolvia não só o gênero, mas também a raça e a classe social (Oliveira, 2010, apud Davis, 1982).

Sueli Carneiro (2014) abre um leque de questionamentos com uma única frase: “de que mulheres estamos falando?”. O mito da fragilidade feminina, por exemplo, tão presente na realidade desde muitos anos até os dias atuais, nunca se aplicou às mulheres negras, uma vez que, durante séculos de escravidão, elas trabalhavam nas lavouras ou nas ruas. Outro questionamento importante se encontra na relação entre os aspectos físicos e o mercado de trabalho. Os anúncios de emprego, que exigem uma boa aparência, colocam mais uma vez as mulheres negras em desvantagem em relação às brancas, uma vez que o estereótipo feminino é o da mulher branca. Por isso, dentro do feminismo negro, a categoria “gênero” não pode ser vista isolada das outras formas de opressão, e o racismo e seus impactos se tornam temas centrais das discussões.

1.4. DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

O sistema patriarcal estabeleceu duas dimensões básicas de dominação da mulher nas relações familiares: primeiramente pelo pai e, mais tarde, pelo marido (Ribeiro, 2006, apud Therborn, 2006: 29-30). Sendo assim, dentro das relações monogâmicas e heterossexuais o pai seria o chefe da família na unidade básica familiar e, no sistema matrimonial patriarcal-capitalista, a mulher se tornaria propriedade do homem (Ribeiro, 2006: 74-75).

A principal finalidade da união matrimonial seria a reprodução e o cuidado dos filhos que acabou por criar outra ponte de relação com a imagem da figura feminina: o trabalho doméstico, tido como natural e obrigatório, além de gratuito, uma vez que era “considerado uma simples extensão do lugar social de reprodutora” (Ribeiro, 2006: 75).

Em 1970, na França, o movimento feminista impulsionou uma série de discussões sobre o trabalho doméstico (Kergoat, 2003: 56). Segundo Delphy (1992), o modo de produção familiar e doméstico seria um meio de exploração e opressão à mulher, porque o marido se apropriava de tudo aquilo que a mulher produzia sem que ela recebesse remuneração, com a justificativa de que seu trabalho em casa não estabelecia trocas dentro do mercado de trabalho.

Foi a partir desse momento que o trabalho doméstico e o trabalho profissional começaram a ser pensados em termos de divisão sexual do trabalho, e, na França, aplica-se a dois sentidos. São eles:

(...) estuda-se a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição; e se analisa como ela se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos. (Hirata; Kergoat, 2007: 596)

(...) falar em termos de divisão sexual do trabalho é: 1. mostrar que essas desigualdades são sistemáticas e 2. articular essa descrição do real como uma reflexão sobre os processos mediante os quais a sociedade utiliza essa diferenciação para hierarquizar as atividades e, portanto, os sexos, em suma, para criar um sistema de gênero. (Hirata; Kergoat, 2007: 596)

O conceito de divisão sexual do trabalho, segundo Hirata e Kergoat (2007: 598), “é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos”. Não tem a ver como uma divisão para complementariedade de tarefas, mas sim uma relação de poder que busca colocar os homens acima das mulheres, ao relacioná-los às

tarefas de forte valor social agregado (Kergoat, 2003: 55-56). É nesse sentido que os homens são associados à esfera produtiva e as mulheres à esfera reprodutiva.

Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existe trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). (Hirata; Kergoat, 2007: 599)

O trabalho doméstico começou a ser abordado, então, como atividade de trabalho tanto quanto o profissional, criando uma articulação entre esses dois espaços e transformando a família em um lugar para se exercer trabalho. Foi dessa forma que a esfera assalariada começou a entrar em colapso, uma vez que era associada, até o momento, como espaço masculino, qualificado e branco (Hirata; Kergoat, 2007: 598).

A relação de exploração doméstica dentro do casamento se desdobrou em condições de subordinação e exploração à figura feminina no espaço público, criando uma situação de desvantagem para a mulher no mercado de trabalho (Casaca, 2009).

(...) a divisão sexual do trabalho não cria a subordinação e a desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social. Portanto a divisão sexual do trabalho está inserida na divisão sexual da sociedade com uma evidente articulação entre o trabalho de produção e reprodução. O mundo da casa, o mundo privado é seu lugar por excelência na sociedade e a entrada na esfera pública, seja através do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, será marcada por este conjunto de representações do feminino. (Brito; Oliveira, 1997: 252)

A globalização foi responsável por duas tendências no mercado de trabalho: a estagnação/regressão do trabalho masculino e o aumento do trabalho remunerado das mulheres a nível mundial (a África sub-sahariana como única exceção). No entanto, apesar do crescimento da participação feminina no mercado de trabalho, isso se deu principalmente por conta de empregos precários e vulneráveis (Hirata, 2002, apud Beneria et al., 2000). Além disso, permaneceram as desigualdades salariais, de condições de trabalho e de saúde, além do trabalho doméstico continuar, majoritariamente, como função das mulheres ao invés de haver uma divisão equilibrada (Hirata, 2002). Por isso, as mulheres tendem a exercer profissões que sejam compatíveis com a sua vida familiar (Gauche; Verdinelli; Silveira, 2013: 5, apud Polacheck, 1981), dificultando sua ascensão profissional.

As mudanças mais significativas começaram a acontecer apenas a partir da década de 1990, mas isso não representou o equilíbrio total do quadro anterior, persistindo assimetrias principalmente em postos de comando e salários (Souza et al., 2016, apud Bruschini C; Lombardi, 1999; Bruschini C, 1994; Bruschini Mca, 2007). A segregação horizontal é um conceito que trata sobre a divisão sexual do trabalho por áreas de atuação e carreiras (Olinto, 2011: 69).

A segregação horizontal se relaciona com outro tipo de segregação: a vertical. Esta, por sua vez, é ainda mais sutil que a horizontal, e é responsável por construir um ambiente que separa os gêneros por posição dentro dos locais de trabalho, ao dificultar o acesso de mulheres aos cargos de maior hierarquia e liderança (Olinto, 2011: 69). A segregação vertical também é conhecida pela metáfora “teto de vidro” e apresenta relação direta com os estereótipos de gênero disseminados na sociedade.

Homens são identificados com a agressividade, competitividade, assertividade e independência. Possuem características instrumentais, ou seja, estão interessados em questões técnicas, têm competências analíticas, ambição profissional, são orientados para o controle e a dominação. Estão voltados às engenharias, ciência e tecnologia, são vistos como inteligentes e criativos e, deficitários de habilidades sociais. Mulheres são identificadas como sensíveis, empáticas, passivas, submissas, dependentes, voltadas aos cuidados com o outro e preocupadas com o relacionamento interpessoal. Estão ligadas a termos socialmente menos apreciados como a intuição, subjetividade e o mundo privado. Tais categorizações refletem em assimetrias de gênero, reforçam e reproduzem estereótipos tradicionais de gênero. (Gauche; Verdinelli; Silveira, 2013: 3, apud Eagly; Steffen, 1984; Margolis; Fisher, 2003; Mendick, 2005)

Tais construções sociais a respeito de gênero acabam gerando expectativas a nível profissional, afetando as escolhas dos indivíduos, uma vez que estas dependem, entre outras coisas, das "perspectivas de sucesso e da importância e do valor dado a cada uma das opções possíveis" (Gauche; Verdinelli; Silveira, 2013: 3, apud Eccles, 1994). As pressões sociais tendem a falar mais alto do que as próprias motivações e predileções, e por isso as mulheres e os homens dão preferências a empregos mais “adequados” ao seu gênero (Gauche; Verdinelli; Silveira, 2013: 3, apud Xie, 2006; Wigfield; Eccles, 2000). Uma das consequências desse cenário é o não aproveitamento dos recursos humanos disponíveis, considerando que há áreas completamente segmentadas por gêneros (Gauche; Verdinelli; Silveira, 2013: 3).

Além disso, há a clara preferência por determinado gênero no processo seletivo de diversas profissões. Por exemplo, homens são escolhas preferenciais para cargos de

gestão, engenheiros, motorista de ônibus, entre outros; enquanto as mulheres são mais escolhidas para cargos como secretária, professoras de educação infantil, enfermeiras, entre outros (Gauche; Verdinelli; Silveira, 2013: 5).

1.5. MACHISMO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA COZINHA PROFISSIONAL

A área de cozinha profissional, como componente relevante do mercado de trabalho, apresenta da mesma forma, apesar de suas especificidades, aspectos relacionados à divisão sexual do trabalho e à opressão das mulheres. Em contraposição com a tão popular, quanto sexista frase “lugar de mulher é na cozinha”, a atividade dentro desse espaço, quando realizada profissionalmente é associada à figura masculina, enquanto na esfera doméstica se torna espaço de responsabilidade quase exclusiva das mulheres (Briguglio, 2017). As mulheres sempre foram vistas como cozinheiras domésticas, enquanto os homens, como chefs profissionais (Resende; Melo, 2016, apud Barbosa, 2012)

Essa diferenciação não surgiu recentemente e a história é marcada por relações desiguais entre homens e mulheres em relação ao trabalho culinário profissional (Briguglio, 2017). O maior exemplo dessa situação é que os grandes chefs reconhecidos pela história são homens, podendo citar, entre eles, Mairé-Antoine Carême e Ferran Adrià (Briguglio, 2017, apud Dória, 2012). Além disso, nos primeiros escritos culinários, “as mulheres são descritas como indignas de confiança para preparar a comida de reis e nobres, assim como portadoras de inteligência inferior e menos habilidades para este trabalho”. No entanto, no lar, são consideradas como peça adequada para a preparação das refeições do dia a dia, sendo essa uma obrigação quase que exclusivamente feminina (Briguglio, 2017, apud Sarti, 2012).

Nesse cenário se ilustra perfeitamente os dois princípios organizadores da divisão sexual do trabalho, destinando o homem à esfera produtiva e as mulheres à esfera reprodutiva, enfatizando que existem trabalhos de homem e trabalhos de mulher, além de uma maior valorização do serviço quando feito pelos homens (Briguglio, 2017, apud Kergoat, 2002; Kergoat, 2009; Hirata; Kergoat, 2007).

Quando a mulher passa a ocupar mais espaço no mercado de trabalho, antes predominantemente masculino, as estruturas patriarcais do machismo se manifestam de

diversas formas ainda naturalizadas pela maior parte das pessoas. As justificativas para os pensamentos e atitudes machistas permeados nesse ambiente pautam-se por diversos aspectos: o físico (o corpo da mulher seria inferior ao do homem principalmente em relação à agilidade, resistência e força); a dedicação (as mulheres teriam outras funções fora do trabalho que concorreriam com a intensa dedicação necessária no trabalho, enquanto os homens estariam mais disponíveis); e uma sensibilidade natural da mulher (que lhe favorece mais nos espaços privados) em contraposição com a racionalidade do homem (necessária tanto em esfera pessoal quanto pública) (Carvalho; Sorlino, 2017: 195, apud Matos, 2008; Chauí, 1984).

Anthony Bourdain (1956 – 2018), importante personagem no cenário gastronômico que atuou como chef, escritor e apresentador de televisão, em seu relato autobiográfico descreve diferentes situações dos lugares em que trabalhou em que é possível identificar o comportamento machista dos trabalhadores. O ambiente se revela propício para práticas de assédio moral e sexual que afetam principalmente as mulheres, mas, segundo Bourdain, o sofrimento em maior escala se daria apenas pelo fato de que as mulheres são mais sensíveis (Briguglio, 2017, apud Bourdain, 2016: 291-292). Consideradas por um coletivo de trabalhadores como brincadeiras saudáveis em um ambiente de maior descontração, reclamar dessas práticas, principalmente se o sujeito for mulher, é sinônimo de exclusão e tratamento diferenciado (Briguglio, 2017).

(...) sua descrição das cozinhas passa frequentemente por homens tentando provar uns para os outros quem é mais forte, quem é mais capaz, o que Bourdain sintetiza como “quem tem os colhões maiores”. Ao retratar um dos ambientes de trabalho pelos quais passou, ele conta como os cozinheiros se chamavam por nomes de mulheres, como uma forma de ofenderem-se e diminuírem-se, claro, “brincando”. (Briguglio, 2017: 5, apud Bourdain, 2016)

O trecho acima exemplifica, mais uma vez, como a figura feminina é tida como de menor valor em comparação ao homem. Dentro da cozinha, então, as mulheres teriam que adotar um perfil tido como mais “masculino” para obter respeito e firmarem-se como boas profissionais, sempre se mantendo resistentes em relação aos perigos da cozinha e evitando ao máximo as falhas na linha de montagem para não causar impactos em todo o trabalho, que é feito em equipe. Aquelas que não se “masculinizam” tem grandes chances de enfrentarem situações difíceis, considerando que as características de força e resistência, associadas ao masculino, são esperadas de profissionais da área (Briguglio, 2017).

Para sobreviver nesse ambiente, portanto, as mulheres precisam agir como os homens. Nas palavras de Bourdain (2016), “Tive a felicidade de trabalhar com mulheres realmente machonas – elas não tinham nada de dondocas”. (Briguglio, 2017: 6, apud Bourdain, 2016: 90)

Em entrevistas realizadas com nove chefs mulheres, Resende e Melo (2016) relatam em sua pesquisa diversas falas que contribuem para a análise da figura feminina dentro do ambiente da cozinha profissional. Descrito como um ambiente predominantemente masculino, algumas chefs contam problemas que tiveram durante seu percurso com homens que se recusaram a receber ordens de uma mulher. Além disso, é possível perceber o machismo permeado no próprio discurso das mulheres, que reproduzem ideias do senso comum de que a figura feminina é mais sensível e sentimental, possui menos força, faz fofoca, além de mais da metade delas acreditarem que cozinhar é algo natural do perfil feminino.

Em uma das entrevistas realizadas por Carvalho e Sorlino (2017) em sua pesquisa, é interessante observar a fala de uma das entrevistas, que reforça a associação das mulheres à sensibilidade, afirmando ser impossível para ela “doar seu coração” em um serviço com mais de trinta pessoas.

Eu acho que é impossível para uma mulher fazer uma cozinha que serve cem pessoas. Eu não posso doar meu coração para um prato se eu estou servindo mais de trinta pessoas. Penso que isto pode ser verdade para a maior parte das mulheres chefs. Homens gostam do fator “uau” na cozinha, mas para nós mulheres é mais importante dar algo de nós mesmas. (Profissional H, 2007) (Carvalho; Sorlino, 2017: 198)

Nessa relação de dominação e opressão dentro da cozinha, constitui-se a divisão sexual do trabalho em praças (áreas de trabalho dentro de uma cozinha profissional), onde se observa a segregação horizontal no ambiente da cozinha por meio de tarefas consideradas mais adequadas para homens ou mulheres de acordo com os estereótipos de gênero construídos na sociedade. Segundo Briguglio (2017: 7), “há uma forte associação da grelha, do fogo e da carne com os homens”, sendo estas as posições de maior valor dentro da cozinha. Já as mulheres são associadas a trabalhos que demandam características consideradas como naturais da figura feminina, como, por exemplo, a delicadeza, a paciência, o cuidado e a atenção aos detalhes. Sendo assim, as mulheres são muito associadas, dentre outras, à área da confeitaria.

1.6. MULHER COMO CONFEITEIRA: ASSOCIAÇÃO DOS PADRÕES SOCIAIS DE GÊNERO À CONFEITARIA

A confeitaria foi uma das primeiras áreas a aceitar empregar mulheres dentro da cozinha profissional nos Estados Unidos, nos anos 1970, quando os restaurantes americanos começaram a produzir suas próprias sobremesas, muito em parte porque o trabalho em outras áreas da cozinha era visto como mais difícil para as mulheres se comparado ao da confeitaria (Burros, 1992).

O consumo de sobremesas se dá, prioritariamente, pelo prazer e pela satisfação de um desejo, indo além das questões fisiológicas e atingindo um patamar muito mais emocional, psicológico e cultural (Coró, 2011: 197). Segundo Coró (2011: 197), ao falarmos do significado da sobremesa, está se falando, na verdade, de “preferência e atração, desejo e prazer, tentação e satisfação, somados a afeto, encantamento, compartilhamento e nostalgia”.

Essa descrição remete a diversas características associadas a uma suposta “essência feminina” e a um antigo discurso que, segundo Venturini e Godoy (2017: 48), era responsável por sustentar o imaginário feminino permeado de sedução, beleza e capricho. Além disso, a mulher, ao contrário do homem, seria afetiva, carinhosa, ingênua, passiva e sensível (Ribeiro, 2006: 74).

A concentração de mulheres na área de confeitaria se deu a partir da construção de um conceito sexista e envolvimento de estereótipos, ressaltado por Burros (1992, NY TIMES) no trecho abaixo:

Existem diversas explicações para a concentração de mulheres no campo da confeitaria, e alguns deles são baseados em estereótipos: mulheres têm mais paciência e melhor destreza, elas são mais precisas, elas preferem um trabalho mais delicado e não conseguem aguentar a pressão de trabalhos na cozinha quente. (Burros, 1992, NY TIMES, tradução nossa)

Ainda dentro dessa visão permeada de estereótipos, Shere (1992, NY TIMES, tradução nossa) reflete em sua fala o lado afetivo da mulher, tido como natural, quando diz que “as mulheres tentam agradar as pessoas, (...) e tentam fazê-las felizes, e qual melhor jeito para isso do que fazendo deliciosos doces?”. Essa percepção não é um caso isolado, mas sim um discurso que se repete na visão das próprias mulheres e na forma como enxergam suas semelhantes. Resende e Melo (2016) relatam a visão de algumas

chefs em relação à diferença entre homens e mulheres na cozinha profissional, e é possível ver a sensibilidade sendo citada como motivo diversas vezes, além de concordarem com a ideia de que a mulher tem que adotar um perfil mais masculino dentro da cozinha para um melhor rendimento quando assumindo posições de liderança. Além disso, o nível de delicadeza e a força física também são mencionados como diferentes dependendo do gênero, sendo a mulher associada a maior delicadeza e fraqueza em relação ao homem.

Outro exemplo desse cenário que repete estereótipos que configuram a figura feminina pode ser observado na fala, apresentada na pesquisa de Carvalho e Sorlino (2017), de uma chef de cozinha com 25 anos de profissão, francesa e atuante na área de cozinha criativa. Ao falar sobre o machismo dentro do ambiente de trabalho, relata uma melhora na mentalidade das pessoas e um progressivo desaparecimento desses preconceitos de gênero. No entanto, ressalta características como temperança, elegância e doçura ao falar sobre as mulheres que tem adentrado esse espaço, sem que esses adjetivos caracterizem, necessariamente, um diferencial no contexto do mercado de trabalho (Carvalho; Sorlino, 2017: 196).

A partir dessa concepção, é possível observar também outro aspecto da divisão sexual de praças dentro da cozinha: o homem, definido pelo pensamento patriarcal como um ser "agressivo, racional, forte, ativo, seguro, objetivo" (Ribeiro, 2006: 74) não se encaixaria na profissão de confeitiro, porque esta exigiria um lado mais sentimental e sensível do trabalhador.

(...) Meu pai era um estivador e, quando eu lhe disse que ia ser confeitiro, ele deu risada – achou que eu estava brincando. Eu nunca perguntei a ele por que achou tão engraçado. Talvez ele tenha pensado que não era uma profissão durona o bastante para o seu "garoto" – o que é uma ironia, porque a indústria culinária, especialmente para os cargos mais altos, é uma das áreas mais árduas que existe, com longas e solitárias jornadas de trabalho pesado. (Curley, W, 2014: 8)

Scavone (2008: 3), em seu relato sobre sua profissionalização na gastronomia, ressalta uma frase dita por um dos alunos ao tentar explicar o porquê de não conseguir montar e decorar os pratos: "meu lado gay é sapatona" (sic). A frase atinge um patamar além da sexualidade em si, e acaba por enfatizar o homem homossexual como uma figura mais próxima dos estereótipos da mulher, e a mulher homossexual como figura mais próxima dos estereótipos do homem. Assim, sendo homem em todos os seus lados, seria incapaz de fazer algo que necessitasse de características femininas.

Essa percepção da confeitaria como área mais feminina, como um espaço da mulher, é sentida até os dias atuais, e muitas mulheres que vivem ou já vivenciariam a realidade do trabalho dentro da cozinha profissional relatam suas experiências com o contato com a realidade que reflete essa concepção machista. A seguir, há três relatos de mulheres atuantes na área de gastronomia que se relacionam com essa temática. Em ordem: a chef de cozinha Lisandra Amaral em uma entrevista para a Revista Fórum, um relato sobre a chef Marina Santos, de 30 anos, na Revista Vice, e a Profissional G, assim identificada na pesquisa de Resende e Melo (2016), canadense, com 16 anos de profissão e atuante na área de fusão chinesa/norte americana.

(...) E desde então a participação profissional das mulheres segue critérios bem específicos: elas podiam trabalhar nas pias (o que é um paradoxo maluco, pois as panelas pesadas e as chapas também passam por ali), lavando louça e complementando os serviços de faxina dos estabelecimentos, e na cozinha fria, mais especificamente na confeitaria. Isso também sempre me incomodou, pois o discurso é de que as mulheres são mais delicadas e por isso são boas confeitadeiras ou doceiras e finalizam bem um prato (mas não podem provar as guloseimas, pra não afetar a silhueta). Não, não é assim. (...) Falo isso pelo simples fato: somos cozinheiros e aprendemos as mesmas técnicas. As habilidades são diferentes e isso independe completamente do gênero. (AMARAL, 2015, REVISTA FÓRUM)

Por ser uma mulher magra e de porte pequeno, ela [chef de cozinha Marina Santos] relata as inúmeras "sugestões" masculinas que recebeu para se dedicar à confeitaria. "Mas sempre me interessei pela cozinha quente, no fogão, soltando os pratos principais, as entradas", diz. Para Marina, essa foi a primeira percepção machista que teve da área que encara profissionalmente há seis anos. (LOPES, 2016, REVISTA VICE)

Inicialmente nunca foi permitido a mim estar na cozinha quente. Sempre me enviaram para fazer doces nos primeiros anos, mas penso que tinha a ver com o fato de sempre haver escassez de pessoal na confeitaria. Eu realmente gosto de confeitaria, mas eu não gostei do fato de que fui forçada a estar lá (...). (Profissional G, 2017) (CARVALHO; SORLINO, 2017: 198)

Nos três trechos é possível identificar essa tendência de forma clara, ressaltando mais uma vez a questão da delicadeza, assim como do porte físico. Além disso, a cozinha quente seria o lugar dos homens, e ali as mulheres não teriam vez.

Essa percepção da confeitaria como algo mais feminino parte tanto dos homens quanto das mulheres, que percebem essa diferenciação nas atividades laborais.

Acho que homem não tem tanto interesse em confeitaria. Mulher gosta muito de confeitaria, eu, por exemplo, adoro. Porque é uma coisa bem delicada, detalhista, gasta muito tempo. (M2) (CASTRO; MAFFIA, 2012: 11)

Mulher tem mais frescura pra mexer com uma carne, frutos do mar, alguns produtos que têm o cheiro mais forte, que deixam cheiro na mão. (...) Mulher gosta mais de

confeitaria e homem gosta mais da cozinha quente. (...) O homem fica mais no fogão, as mulheres ficam mais na confeitaria e nas saladas. (H5) (CASTRO; MAFFIA, 2012: 11)

Os relatos acima, feitos por uma mulher e um homem, respectivamente, ilustram muito bem essa associação da confeitaria às características femininas, objetivo de interesse de investigação do presente artigo.

2. METODOLOGIA

A metodologia da presente pesquisa dividiu-se em duas etapas principais, sendo a primeira voltada para o levantamento teórico e a segunda, de caráter qualitativo, direcionada para coleta de dados com aplicação de entrevistas e posterior análise de seu conteúdo. A primeira etapa estruturou o referencial teórico por meio de pesquisa bibliográfica e documental no tema geral de alimentação e feminismo, durante o período de março de 2018 a maio de 2019, com pesquisas feitas a partir de livros da área e artigos de bases indexadas como o Periódicos Capes.

A segunda etapa foi desenvolvida com pesquisa de campo, na qual foram realizadas entrevistas com sete profissionais (quatro mulheres e três homens) atuantes no mercado de alimentação na cidade do Rio de Janeiro, com a finalidade de retratar suas experiências que, junto ao referencial teórico, buscou contemplar o objetivo da pesquisa.

A escolha dos entrevistados ocorreu por meio de contato com diversos estabelecimentos gastronômicos por suas redes sociais, além de indicações de pessoas que trabalham na área, utilizando a metodologia “bola de neve” (*snowball*), que é uma técnica metodológica “utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto” (Baldin; Munhoz, 2011 apud Wha, 1994). Tanto a seleção dos entrevistados, quanto as entrevistas foram realizadas no ano de 2019, nos meses de março, abril e maio.

Todos os entrevistados assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido em duas vias para a participação na pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas com o aval de cada participante e a escolha desse método possibilitou uma análise mais minuciosa dos pontos abordados em cada uma das respostas. A transcrição

foi feita de forma a relatar exatamente a fala original dos participantes, ignorando possíveis erros linguísticos como de conjugação e concordância, além de manter a forma coloquial da linguagem.

Garantiu-se o anonimato dos entrevistados, que foram codificados com M, quando mulheres, e com H, quando homens, seguido do número de ordem de sua entrevista. Assim, a primeira mulher a ser entrevistada recebeu o código M1 e assim sucessivamente.

O roteiro com perguntas para a entrevista foi elaborado com base no livro *“Taking the heat: women chefs and gender inequality in the professional kitchen”* (Harris; Giuffre, 2015) e também com base na pesquisa realizada na etapa de revisão bibliográfica; e, conforme a entrevista se desenrolava, algumas perguntas eram acrescentadas ou retiradas de acordo com a necessidade. As perguntas procuravam investigar a visão dos participantes quanto às questões de gênero dentro da cozinha e sua relação com a confeitaria.

Para as análises das falas dos entrevistados, sua discussão e considerações finais, foram feitas comparações entre o referencial teórico e os pontos relevantes de cada uma das entrevistas, ressaltando as abordagens relacionadas aos temas gênero, construção da mulher, homens e mulheres na confeitaria, machismo na cozinha profissional, divisão sexual do trabalho (Hirata e Kergoat, 2007) e interseccionalidade no feminismo (Crenshaw, 2004), procurando, dessa forma, responder a pergunta do tema proposto.

2.1. Roteiro de entrevista

Inicialmente foram coletadas informações gerais tais como seguem: Idade; Estado civil; Tem filhos?; Se sim, quantos?; Grau de escolaridade; Possui alguma formação técnica em gastronomia?; Se sim, qual?; Área de atuação; Cargo de ocupa. Em seguida foram feitas as perguntas apresentadas no Quadro 1 na ordem que aparecem.

Quadro 1. Perguntas da entrevista na ordem que foram feitas aos entrevistados

| |
|--|
| Em que momento da vida decidiu trabalhar com cozinha/gastronomia? O que te motivou a isso? |
| Como você chegou à posição em que está agora dentro do seu local de trabalho? |

| |
|---|
| Como você descreveria a área de confeitaria? |
| Você acredita que alguma dessas características da confeitaria se associa mais a algum gênero? |
| Você percebe alguma tendência dos lugares ocupados por homens e mulheres dentro da cozinha nos locais em que já trabalhou? |
| Quantos homens e quantas mulheres trabalham no seu local de trabalho? Quais posições eles ocupam? |
| Quais características você acredita que seriam necessárias para ocupar alguma posição dentro da confeitaria? Você acha que essas características se associam mais a um gênero do que a outro? |
| Você sente diferença no comportamento de homens e de mulheres na cozinha? |
| Você sente diferença entre o tratamento dirigidos aos homens e às mulheres na cozinha? |
| Quais são as suas funções dentro do seu local de trabalho? Você já teve que substituir alguém em alguma área que não era a sua? Se sim, como foi a experiência? |
| Você tem preferência por algum gênero específico para trabalhar junto e/ou contratar? |
| Você consegue descrever algum momento em que o seu gênero foi fator determinante dentro do ambiente de trabalho? |
| Você acha que a área da confeitaria sofre algum tipo de preconceito? |
| Como você se percebe como profissional? O que considera como seus pontos fortes e fracos? |
| Quais são as suas maiores inseguranças dentro do local de trabalho? |
| Você tem algum(a) chef/cozinheiro(a)/gastrônomo(a) em quem se inspire? |
| Você tem alguma especialização? O que te motivou a escolher essa área em particular? Essa escolha foi influenciada por alguém? Se sim, você acha que seu gênero influenciou nessa recomendação? |
| Existe diferença entre o jeito que você se porta na cozinha e o jeito que você se porta na sua vida no geral? Se sim, quais? Por quê? |
| Você já trabalhou com chefs mulheres? E homens? Como descreveria as diferenças entre eles? |
| O que você prioriza no seu trabalho? |
| Quais são seus objetivos para o futuro? Você acha que o seu gênero influencia seus |

planos? Se sim, como?

Nos lugares em que você já trabalhou, quem era responsável pela parte de confeitaria?

Fonte: Elaborada pelas autoras.

3. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio de entrevistas guiadas por um roteiro elaborado especificamente para esse trabalho, foram analisadas as respostas dadas por sete profissionais atuantes em diferentes áreas da gastronomia na cidade do Rio de Janeiro durante o período de março a maio de 2019. A escolha de profissionais de gêneros e áreas de atuação diferentes teve como objetivo principal a investigação de pontos de vista diversos.

Foram entrevistadas quatro mulheres, dentre elas uma confeitaria (M1), uma *sous-chef* de cozinha e cozinheira II (M2), uma confeitaria e dona de um estabelecimento (M3), e uma atendente (M4); e três homens, dentre eles um confeitaria e dono de um estabelecimento (M1), um chef executivo (M2), e um *sous-chef* de cozinha (M3). O perfil dos entrevistados se encontra mais detalhado no Quadro 2.

Quadro 2. Dados de caracterização de perfil dos entrevistados identificados por sua codificação.

| Código | Gênero | Idade | Estado civil | Filhos | Escolaridade | Formação em gastronomia | Área de atuação | Cargo que ocupa |
|--------|--------|-------|--------------|-----------|-----------------------|--|----------------------|---|
| M1 | Mulher | 19 | Solteira | Não | Ensino médio completo | Confeitaria Básica (SENAC) | Confeitaria | Confeitaria |
| M2 | Mulher | 27 | Solteira | Não | Superior em andamento | Bacharelado em Gastronomia em andamento (UFRJ) | Restaurant e e hotel | Sous-chef e cozinheira II (respectivamente) |
| M3 | Mulher | 27 | Solteira | Não | Pós-graduação | Confeitaria e confeitaria clássica (SENAI) | Confeitaria | Confeitaria e dona |
| M4 | Mulher | 57 | Solteira | Sim, duas | Ensino médio completo | Curso de coquetel e salada | Confeitaria | Atendente |
| H1 | Homem | 48 | Casado | Sim, uma | Ensino médio completo | - | Confeitaria | Confeitaria e dono |
| H2 | Homem | 42 | Casado | Sim, uma | Ensino médio completo | Instituto de Culinária Americano | Hotel | Chef executivo |
| H3 | Homem | 33 | Solteiro | Sim, dois | Ensino superior | Cozinheiro e chef de | Hotel | Sous-chef |

| | | | | | | | | |
|--|--|--|--|--|------------|--------------------|--|--|
| | | | | | incompleto | cozinha (SENAC) | | |
|--|--|--|--|--|------------|--------------------|--|--|

Fonte: Elaborada pelas autoras a partir de dados coletados nas entrevistas.

Inicialmente, a análise das falas buscou observar as relações estabelecidas com a área e o profissional de confeitaria por meio das descrições feitas pelos entrevistados quando perguntados sobre este ramo específico da gastronomia. Dentre as palavras usadas para as descrições surgiram termos relativos à disciplina, delicadeza, precisão, criatividade, atenção e minúcia.

Perfeccionista não, mas eu acho que no mínimo você tem que ser delicado. Não fazer aquela coisa bruta, ter um trabalho manual assim mais delicado. (M1)

Desde pequena eu nunca levei muito jeito pra essas coisas muito minuciosas, muito delicadinhas, e a confeitaria é delicadeza pura. (M2)

A confeitaria tem muito isso, ela é muito precisa. É a diferença da cozinha quente. (M3)

Bom gosto artístico, talvez... Minúcia. Acho que isso. (H1)

(...) é uma área que requer muita disciplina. Requer mais disciplina que cozinha, na minha opinião. (H2)

A pessoa tem que ser muito atenciosa, muito dedicada. (...) Ser criativo. A criatividade faz parte do confeito. (...) Eu acho que precisa sim ter um pouco de confeito quando você vai montar um prato. Porque o confeito é muito detalhista, ele é muito atencioso. Como eu falo, às vezes eu tenho um cozinheiro muito atencioso, muito detalhista, e eu falo 'Você tem todas as qualidades de um confeito. Você é cozinheiro, ótimo! Mas isso define um confeito'. (H3)

Quanto à visão em relação à mulher, a delicadeza (citada como “instinto da mulher” pela entrevistada M3), a sensibilidade, a precisão e o perfeccionismo são características associadas à mesma, além do cuidado e da maior atenção aos detalhes, segundo os entrevistados.

(...) eu acho que mulher é mais delicada, presta mais atenção em detalhes que homem não presta. (H1)

(...) se eu conseguisse uma mulher para a confeitaria, como chef da confeitaria, eu acho que a sensibilidade se apuraria e muito. Mas eu também posso estar errado; parte da pessoa, parte da educação dela, parte do que ela fez na vida... Mas, porém, as mulheres chegam sim a ser mais sensíveis que os homens, e eu gosto disso, mais na comida. Eu adoro. (H2)

Ainda sobre as características femininas, convém frisar a frase do entrevistado H2 ao falar sobre o comportamento dos homens quando há mulheres dentro da cozinha.

(...) hoje em dia, uma brigada que tem mais homem, se a mulher aporta um... Indiretamente o comportamento melhora para os outros membros, os outros companheiros de equipe, postura melhor, tudo melhor. (...) Os caras voltam a ser educados. O que eles não são educados lá fora, eles são educados aqui dentro. Acho que por uma questão de... Não sei se é instinto animal, não sei o que. (H2)

A educação e a melhora de postura por parte dos homens pode vir do fato de que a figura feminina é associada à delicadeza, paciência, cuidado e atenção aos detalhes, características consideradas “naturais” da mulher (Briguglio, 2017) e que se diferem do que é considerado “natural” do homem, evidenciando o quanto a construção social dos estereótipos de gênero não faz parte do entendimento do entrevistado.

Ainda dentro da temática de estereótipos de gênero, é importante destacar a fala do entrevistado H3 que, assim como o entrevistado H2, repete discursos que fazem parte da construção social do perfil feminino, ao mesmo tempo em que coloca homens e mulheres como iguais dentro da cozinha, estabelecendo uma contradição.

Não que seja da mulher, não é. Eu conheço muitas mulheres que são bem mais fortes, bem mais rígidas. Mas às vezes elas choram. Vão pro canto e choram, porque você cobrou o que deveria estar ali. E a gente fala que isso não pode acontecer. Que da porta pra dentro, na nossa visão, você não é uma mulher ou um homem, você é um profissional. E quando nós te cobramos, nós te cobramos por aquilo e não por ser você quem seja. (...) Entendemos também que as mulheres têm seu ciclo e tal, normal. Às vezes ficam um pouco mais sensíveis, isso não tem jeito, tem que saber jogar. Tem que saber a hora que eu posso falar, te cobrar. Às vezes tem que... Não aliviar... Mas acabar não cobrando. A gente deixa de cobrar pela situação daquele momento. Às vezes a pessoa tá naquele período e a gente não pode cobrar tão forte quanto deveria. (H3)

A figura masculina, vista como um perfil mais agressivo, forte e objetivo (Ribeiro, 2006: 74), além de mais voltados para questões técnicas e deficitários de habilidades sociais, seriam, então, direcionados às áreas de engenharias, ciência e tecnologia (Gauche; Verdinelli; Silveira, 2013: 3, apud Eagly; Steffen, 1984; Margolis; Fisher, 2003; Mendick, 2005), e o confeitiro não faria parte desse perfil.

Sendo assim, é possível observar uma relação entre as características citadas quando os entrevistados são perguntados sobre a confeitaria com as características do perfil feminino, citadas ao longo das entrevistas em diferentes momentos. No entanto, quando perguntados sobre essa relação, alguns dos entrevistados destacam a associação

com uma questão histórica da construção do perfil feminino, que era destinado a atividades mais delicadas e cuidadosas.

Cara, eu acho que até certo ponto a confeitaria se associa mais ao feminino. Mas eu acredito que é muito mais por uma questão histórica das boleiras e quitadeiras do que uma questão de... Eu diria que hierarquia de cozinha, alguma questão assim. Eu acho que é muito mais histórico do que realmente ser uma área para mulher ou uma área pra homem, como é muito questionado na cozinha quente, porque realmente, dependendo do lugar que você vai, realmente é uma área que as pessoas levam muito para um lado de que é uma área pra homem e que mulher não aguenta. (M2)

Bom, isso é relativo, por ser algo cultural, de como era o mundo, porque teoricamente a mulher tem mais sensibilidade que o homem, mas é tudo mentira. A pessoa em si é sensível, independente de ser mulher ou homem; tem que ter uma sensibilidade muito grande pra trabalhar em cozinha, e mais ainda confeitaria, para finalização, estética, textura do que está fazendo. Mas pra mim não tem lei se é homem ou mulher. (H2)

Em contraponto com as falas destacadas acima, uma das entrevistadas ressalta que vê muito mais homens confeitadores do que mulheres nessa posição e destaca o fato de que os homens não querem perder o lugar para as mulheres.

Eu acho que eu vejo muito mais homens confeitadores do que mulheres confeitadoras. Eu acho que dentro da confeitaria ainda tem um certo preconceito. Não sei, eu acho que é medo mesmo deles perderem o lugar para as mulheres. Não é só na confeitaria não, eu acho que dentro da área de cozinha existe muito isso. Eu acho que o homem, ele tem muito medo de perder o cargo para as mulheres... (M4)

Esta fala relaciona-se com a constante desvalorização da figura feminina, recorrente desde o período da Grécia Antiga. Resgatando as ideias de Colling, a mulher era vista como uma figura diferente, inacabada e inferior (Colling, 2004: 27), além de possuir uma inferioridade natural porque como ela possuía a capacidade de reproduzir seres humanos, não era capaz de produzir conceitos (Colling, 2004: 54). O homem seria a figura central e superior, tido como “modelo de perfeição” (Colling, 2004: 26-27).

Pode ser vista uma contradição na fala do entrevistado H3, *sous-chef* de um hotel, que, ao ser perguntado se em sua percepção a área de confeitaria sofre algum tipo de preconceito, ele afirma que sim, uma vez que algumas pessoas acreditam que essa área se direcione para as mulheres por ser muito delicada. No entanto, ao longo da entrevista, relata sua visão de que dentro da cozinha, diferentemente do mundo fora dela, todos são iguais, não havendo diferenciação de gênero.

Ouvi alguns relatos de que “Ah, confeitaria é lugar pra mulher, não é lugar para homem, é muito delicado, isso e aquilo...”. Como eu sempre falo, a determinação e o foco não define seu gênero. Se você vai ser mulher ou se você vai ser homem. Muito pelo contrário, é o que você quer, o que você acredita. Todos na cozinha são do mesmo gênero. Eu não vejo na cozinha uma mulher ou um homem, eu vejo profissionais. Então o tratamento nosso é igual. Quando nós cobramos (...), eu não tô te cobrando porque você é uma mulher ou um homem. Eu não vou aliviar porque você é mulher ou porque você é um homem. (...) O mundo lá fora não se compara ao nosso mundo [da cozinha]. Aqui dentro nós somos iguais. Nos quatro anos que eu estou aqui nesse hotel, eu faço questão de que todos sejam tratados de forma igual, sempre. (H3)

Essa visão de igualdade não se reflete nos relatos de diversas profissionais de cozinha que destacam momentos em que o princípio de separação da divisão sexual do trabalho se mostrou presente dentro do ambiente profissional, dividindo as tarefas em “trabalhos de homens” e “trabalhos de mulheres” (Hirata; Kergoat, 2007: 599).

É interessante destacar a fala da entrevistada M3 que acaba fazendo uma comparação entre o trabalho dos homens e das mulheres dentro da confeitaria. É possível observar uma supervalorização das funções quando exercidas pela figura masculina, uma vez que as características necessárias para trabalhar dentro da confeitaria já seriam tidas como naturais da mulher. O homem, por outro lado, precisaria de um esforço maior para alcançar esse perfil, e por isso seu trabalho seria muito bem feito.

(...) A cozinha quente você prova, tá faltando alguma coisa você vai lá e põe. A confeitaria não. Se você não botar uma grama exata, ele dá errado. Isso já é um instinto da mulher, essa delicadeza. Então, pro homem ter essa delicadeza, o dele é muito bem feito, eu reconheço dessa forma. (M3)

Essa fala reflete as ideias de Bourdieu (2002: 75) quando este aborda a temática da masculinidade como uma forma de nobreza; além do princípio hierárquico da divisão sexual do trabalho de que o trabalho feito pelo homem vale mais do que aquele exercido pela mulher (Hirata; Kergoat, 2007: 599). Segundo Bourdieu (2002: 75), “as mesmas tarefas podem ser nobres e difíceis quando são realizadas por homens, ou insignificantes e imperceptíveis, fáceis e fúteis, quando são realizadas por uma mulher”; completando, ainda, que isso pode ser visto na relação entre o cozinheiro e a cozinheira. Fora da esfera privada, quando exercida por um homem, a tarefa é enobrecida.

Além disso, segundo Bourdieu (2002: 75-76), qualquer profissão, seja ela qual for, é vista como qualificada apenas pelo fato de ser exercida por um homem. Mesmo que a mulher possua grande qualificação, não há reconhecimento igual ao que os

homens recebem. A exemplificar esse quadro, tem-se a fala da entrevistada M2 ao referir-se sobre sua atual chefe, que tem preferência por contratar mulheres justamente por esse cenário desfavorável (que, dentro da cozinha, ocorre principalmente na área da cozinha quente).

(...) o discurso dela é que, dentro da cozinha, principalmente na cozinha quente, que é o forte de lá [do restaurante], que as mulheres não têm tanta oportunidade, que muitos lugares segregam muito. E que pra uma mulher entrar, ela realmente tem que ser muito boa no que ela tá fazendo. (M2)

Esse cenário pode se relacionar com outro ponto da entrevista: ao serem perguntados sobre personalidades inspiradoras do meio gastronômico, surgiram diversos nomes masculinos (como Alex Atala, Buddy Valastro e Alain Ducasse) e somente alguns femininos (como Paola Carosella, por exemplo). Dos catorze nomes citados, apenas quatro são mulheres, e entre elas não há nenhuma confeitadeira. As respostas refletem as ideias de Bourdieu citadas acima, reforçando a ideia da masculinidade como uma forma de nobreza.

Outra questão abordada por dois entrevistados é a associação do homem confeitador à homossexualidade. Segundo Welzer-Lang (2001), o homem passa por um período de aprendizado do que é, na verdade, ser homem. Seria preciso se diferenciar do oposto (nesse caso, a mulher) para que não sejam assimilados e nem tratados como tal. Como explica Welzer-Lang (2001: 465), “na socialização masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher”.

Desta forma, considerando o conceito heterossexista que define a heterossexualidade como universal e superior, os homens que não vivem sua sexualidade de uma forma heterocentrada são vistos como anormais e “passivos” (quando, por essa visão, um homem deveria, na verdade, ser ativo). Além disso, por existir um conceito daquilo que é um “homem normal” ou “verdadeiro homem”, aqueles que se diferenciam do padrão são excluídos do grupo dos homens e são vistos como dominados, adentrando o grupo das mulheres, crianças e qualquer outra pessoa que não seja considerada um “verdadeiro homem” (Welzer-Lang, 2001: 468).

As citações abaixo se aproximam do relato de Scavone (2008: 3) quando menciona a frase “meu lado gay é sapatona”, dita por um aluno numa tentativa de justificar sua inaptidão para montar e decorar pratos.

(...) eu acho que o homem que trabalha em confeitaria é tido como gay. (...) Porque é uma coisa mais delicada. Por aquele fenótipo, né, o homem fazer coisas mais brutas e as mulheres as coisas mais delicadas. Então quando essas coisas se invertem a tendência é que as pessoas te julguem pelo que você parece, por aquilo que você é. (...) Mesma coisa acontece com a confeitaria. Vê o cara fazendo frufu, florzinha, coloridinho... “Ah, isso é uma bichona!”. (H1)

(...) Eu acho que tem muito uma questão machista dos homens. Eu vejo muitos homens dentro do hotel que zoam e falam que os meninos da confeitaria são gays, e eles falam em termos bem baixos e escrotos. Existe essa zoação o tempo todo lá dentro e os meninos já levam na brincadeira, mas é uma questão que eu acho muito escrota. Acho que pelo cara ser delicado e tal, aí as pessoas já levam pro lado ‘ah, é afeminado, é bicha, é isso...’. Eu acho que sofre um preconceito nesse sentido, que não deveria, porque é uma área, uma profissão como qualquer outra. (M2)

Uma das entrevistadas destaca o fato de que não sente o machismo dentro do seu local de trabalho e associa isso ao fato de que, além da equipe ser praticamente toda composta por mulheres, o único homem (e dono do local) é homossexual.

O mundo é muito machista. Tipo, aqui eu não sinto muito isso, porque o meu chefe é gay e tal. E todo mundo é mulher aqui dentro. (M1)

As questões de raça dentro do feminismo podem ser vistas quando o entrevistado H2, chef executivo de um hotel, fala das quatro stewards (profissional responsável pela limpeza da cozinha, exercendo tarefas como lavar a louça, o chão, as paredes, retirar o lixo, etc) com quem trabalha, que são mulheres. Inicialmente, a questão da raça não fica explícita, mas, ao ser perguntado sobre a cor da pele das quatro mulheres, responde que todas elas são negras.

Como eu te falei: eu tenho quatro stewards trabalhando nessa engrenagem aqui e é um trabalho muito pesado, muito pesado. E elas trabalham perfeitamente, sem nenhum problema. Correspondem perfeitamente. Então, é bom, é bom. (...) São todas de pele negra. (H2)

Dentro desse cenário, é possível identificar uma relação com o pensamento de Nogueira (1999: 44), quando este diz que a mulher negra é privada de viver qualquer aspecto da sua feminilidade. Além disso, as ideias de Carneiro (2003) também se vinculam a esse cenário, considerando que as mulheres negras nunca fizeram parte do mito da fragilidade feminina, porque trabalhavam desde o período da escravidão em lavouras ou nas ruas, e são excluídas do estereótipo feminino de beleza, que é a mulher branca.

O mundo do trabalho funcionaria, segundo Bourdieu (2002: 73), como uma repetição da estrutura familiar, com os chefes (quase sempre homens), exercendo a

autoridade paternalista, sobrecarregados de trabalho e protegendo seus subalternos, principalmente quando são mulheres. A pequena participação das mulheres nas posições de poder é explicada por diversos motivos que possuem como efeito uma diminuição da figura feminina. Um exemplo a ser destacado são os debates públicos, onde as mulheres precisam lutar pelo seu espaço de fala, e, quando o conseguem, frequentemente são interrompidas, passando a palavra para um homem (Bourdieu, 2002: 74).

Sendo assim, as mulheres, apesar do crescimento de sua participação no mercado de trabalho, ocupariam postos precários e vulneráveis, permanecendo as desigualdades salariais, de condições de trabalho e de saúde (Hirata, 2002, apud Beneria et al., 2000; Hirata, 2007). Quando perguntados sobre a quantidade de chefs homens e chefs mulheres com quem já trabalharam, os entrevistados afirmam ter trabalhado com muito mais chefs homens, alguns chegando a nunca ter trabalhado com uma mulher no posto de comando da cozinha.

Esse cenário piora ainda mais quando se fala das mulheres negras, que após o período escravagista, aceitavam trabalhos mal remunerados em nome de sua própria sobrevivência. As mulheres negras passam a pertencer a uma classe que é discriminada não só pelo gênero, mas também pela raça (Oliveira, 2010, apud Collins, 2003; Oliveira, 2010, apud Davis, 1982).

Dos locais de trabalho dos entrevistados, três eram específicos de confeitaria e três eram gerais, sendo dois hotéis e um restaurante. Quanto à relação entre gênero e divisão de praças dentro dos locais de trabalho dos entrevistados, é possível observar uma tendência no quadro de funcionários nos locais exclusivos de confeitaria selecionados para as análises desse trabalho. Dentre os oito funcionários da área de produção, apenas um é homem. Além disso, não apenas dentro da cozinha o perfil feminino prevalece, mas também na área de atendimento ao público (atendente e barista).

Quando perguntados sobre essa tendência, os entrevistados dos locais específicos de confeitaria mostraram diferentes pontos de vista, que abrangiam desde uma preferência própria por trabalhar com mulheres até a relação com o ambiente da confeitaria, além de um preconceito por parte dos homens pela área ser considerada mais delicada.

Eu acho que se fosse uma loja mais com aquela cara de cafeterias modernas, toda cinza e preta, pouca confeitaria... Eu acho que talvez eu contratasse um homem.

205

Acho. (...) Eu não me incomodo [de trabalhar com homem], mas prefiro trabalhar com mulher. Se chegasse um cara bom pra caramba aqui e duas mulheres meia-boca, eu ia ficar com o cara bom pra caramba, é óbvio, né? Mas se tivesse um homem e uma mulher, os dois com capacidades iguais, talvez eu ia escolher a menina. (H1)

Eu acho que isso aí é o preconceito, é a confeitaria. Eu acho que o homem... “Ah, é confeitaria! Ai, mexer no doce...”. Eu acho que eles acham que é muito delicado mexer com doce, por isso que eu acho que não apareceu homem. Eu acho que se falasse assim: “ah, é uma cozinha, um restaurante, *self-service*...” de repente apareceria homem, mas não apareceu. Todo mundo que colocava currículo, era só mulher. (M4)

O entrevistado H1 relata um momento durante o período de seleção de baristas (profissional especializado em cafés de qualidade alta, responsável pela produção e/ou criação das bebidas à base de café) em que, segundo ele, pensou em contratar um homem por influência da esposa, que achava que um homem na loja deixaria o ambiente mais seguro. Quando o homem foi selecionado e recusou a vaga, o entrevistado relatou seu alívio, uma vez que não era de sua preferência contratá-lo.

Cara, quando a gente abriu a loja, eu fiz as entrevistas junto com a minha mulher. Aí os atendentes eu fiquei entre duas meninas e um rapaz, mas o rapaz mais influência da minha mulher, porque ela achava a área aqui meio insegura, né... E achava que tendo um homem dentro da loja, além de mim, seria melhor. A gente não sabia que tinha segurança na rua. Aí a gente pensou em contratar o cara, mas aí o cara não pôde. Quando o cara disse que não podia, por um outro problema lá, eu não me lembro, mas ele recusou... Ele foi selecionado, mas quando a gente chamou ele, ele recusou. Aí eu fiquei até aliviado, porque eu não queria ele não. Eu só ia contratá-lo por causa da minha mulher. (H1)

Ainda sobre as confeitarias, os entrevistados percebem que o número de currículos recebidos em processos de seleção também vem em maior número por parte das mulheres, como pode ser visto a seguir:

(...) Ele [o dono] colocou anúncio e não apareceu um homem! Só aparecia mulher. Por incrível que pareça. (M4)

Eu recebo mais de mulher, bem mais de mulher. Uns 80% eu recebo de mulher. Recebo de homem, às vezes... Mas acho que até hoje eu recebi só um de homem que era dessa área. O resto era de outras áreas. Eu recebi só de um homem que era dessa área quando eu abri pra área de produção. (M3)

Eu acho que eu só recebi currículo de mulher... Ah, não, eu recebi de dois homens. (H1)

Segundo Bourdieu (2002: 17 e 41), a divisão dos sexos “parece estar presente na 'ordem das coisas' (...) funcionando como sistemas de esquemas, de percepção, de

pensamento e de ação” e, sendo assim, tudo seria resumido à oposição entre feminino e masculino. A dominação masculina confere aos homens a melhor parte de todos os *habitus*, e as próprias mulheres reproduzem esse discurso dominante, uma vez que o poder simbólico necessita da adesão dos dominados aos dominantes. A violência simbólica se instala “no mais íntimo dos corpos sob a forma de predisposições (aptidões, inclinações)” (Bourdieu 2002: 51). Tais ideias e conceitos se relacionam com o princípio de separação da divisão social do trabalho, que, segundo Hirata e Kergoat (2007: 599), é aquele que diz que existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres; podendo ser a explicação para o número de currículos de mulheres em número muito mais expressivo do que os currículos de homens.

O princípio de separação da divisão social do trabalho pode ser visto na citação a seguir:

(...) a mulher ela culturalmente... Ela foi direcionada a coisas mais delicadas. Você encontra mulher bordadeira, mas não encontra homem bordadeiro. É muito raro, né? Eu acho que isso aí é cultural. Eu acho que se o mundo tivesse caminhado de forma diferente, eu acho que não haveria tanta diferença no gênero. Mas como essa parte cultural fez essa diferenciação do homem fazer o trabalho mais pesado e a mulher fazer o trabalho mais delicado, isso... Não por genótipo, mas mais por fenótipo mesmo. (H1)

A percepção dos clientes quanto à confeitaria é mencionada por dois dos entrevistados. O entrevistado H1, confeiteiro e dono de um estabelecimento, ao ser indagado sobre a curiosidade dos clientes em saber se ele é o responsável por fazer os doces, comenta sobre a surpresa dos mesmos quando descobrem que ele faz os doces expostos, acrescentando que, em sua percepção, acredita que isso não aconteceria tanto com a sua confeitaria, por ela ser mulher. Já a entrevistada M3, apesar de não ter nenhuma experiência nesse sentido, acredita que o fato de ser mulher talvez possa influenciar na preferência por parte de quem vai encomendar pela ideia de que a mulher é mais cuidadosa do que o homem.

(...) elas [as pessoas] não perguntam afirmando, perguntam com surpresa. ‘Ah! É você que faz os doces aqui?’ eu falo ‘sou’, ‘caramba!’. Acho que com a minha confeitaria não aconteceria tanto por ela ser menina. (H1)

Eu não tenho nada muito claro, eu acho que, de repente, até na hora das pessoas escolherem aonde vão encomendar um bolo, isso eu to deduzindo... Talvez isso possa contar, porque também existe um preconceito por parte de quem vai encomendar. Eu acho que na hora que você vê um homem e uma mulher, você acaba tendendo mais pro lado da mulher na confeitaria. Por ter já esse pré-conceito real,

essa pré-opinião, de tipo, é mais cuidadosa, tem mais cuidado... Mas eu nunca tive nenhuma experiência que mostrou isso muito claro. (M3)

A associação da mulher à confeitaria não viria, então, somente dos profissionais de cozinha, mas também daqueles que consomem os produtos e serviços dos estabelecimentos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa empírica evidenciou, a partir da percepção de trabalhadoras e trabalhadores da área de cozinha profissional, a existência de uma forte associação da área de confeitaria com características consideradas “naturais” da mulher como, por exemplo, a delicadeza e a sensibilidade, reforçando a ideia de que existem “trabalhos de homens” e “trabalhos de mulheres”, como apontado por Hirata e Kergoat (2007). Esta percepção dos próprios profissionais da área pode levar ao aprofundamento da divisão sexual de praças, abordada por Briguglio (2017), direcionando as mulheres a áreas específicas da cozinha, limitando, em última instância, as oportunidades de atuação das mulheres no ramo.

Ao analisar as falas em maior profundidade, nota-se, além da associação imediata apresentada, aspectos mais complexos relacionados a raça, que apareceram de forma velada, ou a masculinidade e orientação sexual, de forma mais explícita. Tais aspectos reforçam a importância da abordagem interseccional proposta por Kimberle Crenshaw (2004) ao analisar as distintas formas de opressão das mulheres.

Neste sentido, a pesquisa revela a percepção de um dos entrevistados que o trabalho pesado pode ser muito bem feito, quando realizado pelas mulheres negras, rompendo com o mito da fragilidade feminina do qual as mulheres negras nunca fizeram parte, como nos aponta Sueli Carneiro (2003). Dada esta contribuição, recomendamos um estudo específico sobre as associações de gênero, raça e a confeitaria para maior aprofundamento da questão.

A relação de masculinidade e orientação sexual fica evidenciada na associação do homem confeito sendo visto como homossexual. Ao não atender aos estereótipos de masculinidade, pelo fato do homem ser direcionado a tarefas mais brutas e a mulher a tarefas mais delicadas, como explicita Briguglio (2017: 7), quando esse cenário se

inverte, o homem se associa a figura feminina, deixando de ser um “homem de verdade”.

A partir da fala de um dos entrevistados, destacada no título, “a mulher é mais delicada” podemos observar a contradição na percepção de, ao mesmo tempo, reproduzir estereótipos e acabar por romper com a ideia de uma figura feminina universal.

A observação de uma maior presença feminina nas equipes dos locais especializados na área de confeitaria, tanto da cozinha quanto do atendimento, em conjunto com o relato de que os currículos recebidos vinham em número mais expressivo das mulheres, evidencia mais uma vez a percepção de que os estereótipos de gênero podem direcionar as mulheres de forma mais intensa para determinadas áreas. Este cenário pode estar relacionado com as expectativas a nível profissional, com os homens e as mulheres dando preferência a empregos considerados mais “adequados” a seu gênero, limitando suas possibilidades de atuação profissional.

Com base nos relatos dos entrevistados, destacou-se também o fato de que essa associação não vem somente por parte dos profissionais de cozinha, mas também dos clientes, apesar da questão ter sido abordada apenas superficialmente, uma vez que o estudo teve como direcionamento a visão dos profissionais de cozinha e não dos consumidores.

É possível concluir a necessidade não apenas de uma maior presença das mulheres dentro das áreas da gastronomia, como a ocupação de cargos não associados à feminilidade, para romper com os estereótipos construídos em torno na figura da mulher, estabelecendo um equilíbrio desse cenário predominantemente ocupado pela figura masculina e fortalecendo a autonomia e emancipação das mulheres.

É reconhecida a necessidade de um aprofundamento maior das questões propostas e analisadas pelo trabalho, uma vez que a discussão aqui elaborada se trata de uma investigação inicial. O material contribui com o repertório teórico brasileiro, que apresenta uma necessidade de pesquisas direcionadas às temáticas que envolvem a construção da mulher, a mulher na gastronomia e o machismo nas cozinhas profissionais.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. Diferenças e igualdades nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicologia Clínica* [online] 2005, 17 (sem mês), ISSN 0103-5665. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291022005004>>. Acesso em: 04 fev. 2019.

AZERÊDO, Sandra. *Preconceito contra a “mulher”*: diferença, poemas e corpos [online]. São Paulo, Editora Cortez, 2017. Coleção preconceitos, vol.1. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=XoM6DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=mulher&ots=bZZ9zqFwPN&sig=ReFMM3iB9YVxZTu6f-CkcO1d2xU#v=onepage&q=mulher&f=false>>. Acesso em: 05 fev. 2019.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin, 2011. *Snowball (Bola de Neve): Uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 7 a 10 nov. 2011.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. *Psicologia & Sociedade*, 24 (3), 577-587, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/html/3093/309326585010/>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliter. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 2a ed., 1967.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual* [online]. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006, 256 p. Coleção sexualidade, gênero e sociedade. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=kFs5milMfR8C&oi=fnd&pg=PA69&dq=g%C3%AAnero&ots=BjXRdoDVi4&sig=fNFEECyf6Lr40TZWBXaBJFSXN_k#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 07 fev. 2019.

BRIGUGLIO, Bianca. *Cozinha é lugar de mulher?* Desigualdades de gênero e masculinidade em cozinhas profissionais. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498781075_ARQUIVO_biancabriguglio_cozinhaelugardemulher.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2019.

BRITO, J.; OLIVEIRA, O. Divisão sexual do trabalho e desigualdade nos espaços de trabalho. In: FILHO, F. S.; JARDIM S. (Orgs.). *A danação do trabalho*. Rio de Janeiro, Te Corá, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução por Maria Helena Kühner, 2 ed., Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2002. 160p.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Tradução por Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989. Disponível em: <http://lpeqi.quimica.ufg.br/up/426/o/BOURDIEU__Pierre._O_poder_simb%C3%B3lico.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução por Mariza Corrêa. 9 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3005706/mod_resource/content/0/Pierre_Bourdieu%20-%20Raz%C3%B5es%20Pr%C3%A1ticas.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2019.

BURROS, Marian. 'Why I Am a Pastry Chef,' by Women Who Know. *NY Times*, 6 mai. 1992. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1992/05/06/garden/why-i-am-a-pastry-chef-by-women-who-know.html>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* [online]. Tradução de Renato Aguiar. 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018, recurso digital. Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Problemas_de_g%C3%AAnero.html?id=_j5gDwAAQBAJ&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q=sexo&f=false>. Acesso em: 23 abr. 2019.

CARLOTO, Cássia Maria. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. *Serv. Soc. Rev.*, Londrina, v. 3, n. 2, p. 201-213, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/ssrevista/n2v3.pdf#page=83>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. 20 nov. 2014. Disponível em: <<https://vulvarevolucao.com/2014/11/20/enegrecer-o-feminismo-a-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-a-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em: 05 abr. 2019.

CARVALHO, Ana Clara de Rebouças; SORLINO, Fabiola Beatriz. “Lugar de mulher é na cozinha”: confissões femininas sobre o universo gastronômico. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, vol. 3. 2017.

CASACA, Sara Falcão. *Revisitando as teorias sobre a divisão sexual do trabalho*. Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009.

CASTRO, Mariana Ribeiro de; MAFFIA, Lyovan Neves. *Gênero na cozinha profissional*. XXXVI Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, RJ, 22-26 set. 2012.

COLLING, Ana Maria. A construção histórica do corpo feminino. *Caderno Espaço Feminino* - Uberlândia-MG - v. 28, n. 2 – Jul./Dez. 2015 – ISSN online 1981-3082. Disponível em: <www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/34170/18208>. Acesso em: 07 fev. 2019.

COLLING, Ana Maria. A construção história do feminino e do masculino. *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. In.: STREY, Marelene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PRENH, Denise R. (Orgs.). Coleção Gênero e Contemporaneidade, 1, Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2004a, p.13-38.

COLLING, Ana Maria. O Corpo que os gregos inventaram. *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar* [online]. In.: STREY, Marelene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa (Orgs.). Coleção Gênero e Contemporaneidade, 3, Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2004b, p.49-64. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=kxKsI5Kb_74C&oi=fnd&pg=PA49&dq=representa%C3%A7%C3%A3o+da+inferioridade+feminina&ots=QIslnjxyQg&sig=dPq2O-PwaWqtRFg9HMppdzcmdcc#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 07 fev. 2019.

CORÓ, Giana Cristina. A sobremesa francesa dos anos 1950 aos anos 2000: evolução, consumo e patrimônio. *Questões & Debates*, Curitiba: Editora UFPR, n.54, p193-226, jan./jun. 2011.

CRENSHAW, KIMBERLE. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, 2004.

GAARDER, Jostein. *O Mundo de Sofia*. Tradução por Leonardo Pinto Silva. 1 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.

GATTI, Bernardete A. Pesquisa, educação e pós-modernidade: confrontos e dilemas. *Cadernos de Pesquisa*, v. 35, n. 126, p. 595-608, set./dez. 2005.

GAUCHE, Susana; VERDINELLI, Miguel Angel; SILVEIRA, Amelia. *Composição das equipes de gestão nas universidades públicas brasileiras: segregação de gênero horizontal e/ou vertical e presença de homosociabilidade*. VI Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho, Brasília, DF, 3-5 nov. 2013.

HARRIS, Deborah A.; GIUFFRE, Patti. *Taking the heat: women chefs and gender inequality in the professional kitchen*. New Jersey: Rutgers Press, 2015. 286p. (1).

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. *Cad. Pagu*, no.17-18, Campinas, 2002. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332002000100006&lng=pt&tlng=pt#nota0>. Acesso em: 22 jan. 2019.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Tradução de Fátima Murad. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007.

JESUS, Jaqueline Gomes de. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*: Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2. ed., Brasília, dez. 2012.

KERGOAT, Danièle. *Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo*. Tradução de Miriam Nobre. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, p. 55-64, 2003.

Disponível em: <<https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05634.pdf#page=55>>. Acesso em: 09 fev. 2019.

LOURO, Guaeira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2 (56) – mai./ago., 2008.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004, 287 p. História e Saúde collection. ISBN 978-85-7541-451-4. Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=3yKuCQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA8&dq=a+medicina+e+a+mulher+no+s%C3%A9culo+XIX&ots=i3_ch4DX56&sig=Hxoqzn49S28erxemsWNQgiyk-hA#v=onepage&q=a%20medicina%20e%20a%20mulher%20no%20s%C3%A9culo%20XIX&f=false>. Acesso em: 04 fev. 2019.

MOORE, Henrietta L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. *Cadernos Pagu* (14) 2000: p.13-44.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NOGUEIRA, Isildinha B. O corpo da mulher negra. *Pulsional Revista de Psicanálise*, ano XIII, nº 135, 40-45, 1999. Disponível em:

<<https://pt.scribd.com/document/338406528/O-Corpo-Da-Mulher-Negra>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

OLINTO, Gilda. *A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil*. Inc. Soc., Brasília, DF, v. 5 n. 1, p.68-77, jul./dez. 2011.

OLIVEIRA, João Manuel de. *Os feminismos habitam espaços hifenizados – A localização e interseccionalidade dos saberes feministas*. Ex aequo, n.22, Vila Franca de Xira, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0874-55602010000200005&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso em: 02 abr. 2019.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.

PEREIRA, Verbena Laranjeira. Gênero: dilemas de um conceito. *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. Org.: Marlene Neves Strey, Sonia T. Lisboa Cabeda e Denise R. Prehn. Coleção Gênero e Contemporaneidade, 1, Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2004, p.173-198.

RESENDE, Aline Marcelina; MELO, Marlene Catarina. *Lugar de mulher é na cozinha? Uma análise com chefs mulheres sob a lógica da dominação masculina*. IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, Porto Alegre, RS, Brasil, 19-21 out. 2016.

RIBEIRO, Manoel P. Feminismo, machismo e música popular brasileira. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, ISSN 1678-3812, 2006.

SANTOS, Josimare Francisco dos. *Helena: representações da inferioridade feminina*. Seminário Cultura e Política na Primeira República: Campanha Civilista na Bahia, UESC. 9-11 jul. 2010.

SCAVONE, Naira. “O superchef e a menina prodígio”: as posições ocupadas pelos gêneros na gastronomia profissional. *Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis, 25-28 ago. 2008.

SILVA, Sergio Gomes da. *Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos*. Psicol. cienc. prof., vol.20, no.3, Brasília, set. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932000000300003&script=sci_arttext&tIng=es>. Acesso em: 02 fev. 2019.

SOUZA, Liv Katyuska de Carvalho Sampaio de et al. *Gênero e formação profissional: considerações acerca do papel feminino na construção da carreira de nutricionista*. Demetra, 2016, 11 (3), 773-788.

SOUZA, Rafael Benedito de. Formas de pensar a sociedade: o conceito de habitus, campos e violência simbólica em Bourdieu. *Revista Ars Histórica*, ISSN 2178-244X, n 7, jan./jun., 2014, p.139-151.

VENTURINI, Maria Cleci; GODOY, Ana Carolina de. Da beleza ao talento: novas formas de representação do feminino na gastronomia. *Entremeios: Revista de Estudos do Discurso*, v. 15, jul./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.entremeios.inf.br/published/454.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2001, vol.9, n.2, p.460-482. ISSN 0104-026X. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200008&script=sci_abstract&tIng=pt>. Acesso em: 25 maio 2019.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *Crítica feminista: uma contribuição para a história da literatura*. 20--.

Recebido 16/10/2019

Aprovado 11/12/2019